

## **O *Triplismo* em revisão. Estudos de caso: Hispânia, Gália e Britânia Romanas**

Érika Vital Pedreira (UFF)<sup>1</sup>  
[erikavitalp@yahoo.com.br](mailto:erikavitalp@yahoo.com.br)

Recebido em: 07/05/2018  
Aprovado em: 05/08/2018

### **Resumo :**

Neste breve artigo propomos uma revisão do conceito de *triplismo* desenvolvido entre as décadas de 1920 e 1930 e entendido como inerente à cultura das sociedades celtas de todos os períodos e regiões. A análise será embasada pelos conceitos de hibridização (JIMÉNEZ, 2011) e de emaranhamento (STOCKHAMMER, 2012a; 2012b; 2013), bem como pela análise dos epítetos utilizados nas epígrafes votivas dedicadas às divindades femininas plurais e produzidas durante o período de dominação romana de Hispânia, Gália e Britânia. Apontamos a impossibilidade de manter uma mesma prática inalterada por vários séculos e em uma grande extensão geográfica. Defendemos a existência de *triplismos*, que consistem em diferentes formas de produção e aplicação de uma mesma prática, tendo em vista as transformações socioculturais e políticas decorrentes dos contatos interculturais.

**Palavras-chave:** *Triplismo* – Emaranhamento – Divindades femininas plurais

### **Abstract :**

In this brief article, we propose a revision of the concept of *triplism* developed between the decades of 1920 and 1930 and understood as inherent to the culture of Celtic societies of all periods and regions. We base our analysis on the concepts of hybridization (JIMÉNEZ, 2011), entanglement (STOCKHAMMER, 2012a; 2012b; 2013), and on the analysis of the epithets used in the votive epigraphs dedicated to plural feminine deities and produced during the period of Roman domination of Hispânia, Gaul and Britannia. We point out the impossibility of maintaining the same practice unaltered for several centuries, and in a great geographical extent. In view of the socio-cultural and political changes resulting from intercultural contacts, we defend the existence of several forms of *triplism*, which consist of different forms of production and application of the same practice.

**Keywords :** *Triplism* – Entanglement - plural feminine deities

### Para entender o *triplismo*

O termo *triplismo* é tradicionalmente aplicado para designar a extrema potência de divindades ou elementos que ocorrem triplicados na cultura material (CUNLIFFE, 1997:187). Utilizado por alguns pesquisadores<sup>2</sup> para classificar e analisar um fenômeno religioso das populações celtas em geral (isto é, de todos os períodos e regiões), o *triplismo* é uma noção extremamente intrincada, sendo fundamentada na teoria linguística de famílias de línguas indo-europeias, bem como na Literatura Comparada, na Antropologia, na Arqueologia e na História. Esse argumento, calcado na famosa teoria invasionista<sup>3</sup>, tem se mantido nos estudos célticos desde a década de 1920, sendo uma das concepções que duram mais tempo na área. Hoje, porém, já não acreditamos mais nela e, por isso, os estudos do *triplismo* precisam ser revistos.

Um dos pesquisadores que deu início a esses estudos foi Dumézil, com sua teoria da tripartição<sup>4</sup> sobre as populações indo-europeias, a qual não nos ateremos neste artigo. Também outros autores, como Lambrechts (1942), Vendryes (1960), Rees e Rees (1961) e MacCana (1970), baseados em textos de autores greco-latinos, na Literatura Vernácula Irlandesa e Galesa, assim como na observação do material arqueológico produzido entre as populações celtas, passaram a concordar que o número três e seus múltiplos pareciam estar associados à visão de mundo das populações celtas, por serem, segundo eles, fortemente enraizados em seu cotidiano, fazendo-as viver, conviver e disseminar esses símbolos de uma maneira quase orgânica, que vai além de uma propaganda intencional, sendo antes um modo de viver.

Verificamos, contudo, que desde então, o *triplismo* vem sendo abordado de uma maneira um tanto superficial, tratado, geralmente, em grandes manuais sobre a “Civilização Celta” e apresentado como traço inerente às culturas dessas populações, mas não recebe problematização, sendo entendido como um mesmo fenômeno desde a Idade do Ferro até o período cristão, quando é associado à Santíssima Trindade. Os autores que se propõem a tratar do tema, sendo Green (1992, 2004, 2007), MacKillop (1998, 2005) e Gárcia (2011-2012) os mais recentes, utilizam o que seriam as evidências de *triplismo* de forma a não considerar em seus estudos os diferentes contextos socioculturais e políticos (organização tribal pré-romana ou dominação romana), local de produção (Gália, Britânia, Hispânia e Germânicas), o tipo de produção

(textual, iconográfica, epigráfica, etc.), ou ainda, o período de produção (Idade do Ferro, Antiguidade ou Idade Média).

Entretanto, se atentarmos para as transformações sociais, culturais, políticas e espaciais pelas quais passaram as sociedades celtas, percebemos ser improvável que uma prática possa permanecer a mesma no decorrer de aproximadamente oito séculos, em uma extensão geográfica de mais de 4.000.000 km<sup>2</sup>, ou seja, se o *triplismo* existiu entre essas sociedades, sua produção e utilização sofreram transformações para se adequarem às necessidades de cada tempo ou região.

A partir de nossas análises percebemos que o que se considera *triplismo* na Idade do Ferro europeia não pode ser o mesmo produzido e utilizado durante o período de dominação romana, por exemplo. Tampouco, o *triplismo* produzido na Britânia, possuía as mesmas características daquele produzido em Gália, Hispânia ou nas Germânicas. Propomos, assim, uma nova abordagem para o *triplismo*, fugindo das generalizações costumeiras da literatura especializada, defendemos a existência de *triplismos*, pois não se trata de um único fenômeno engessado e homogêneo, como pressupõem a maioria dos autores, mas sim, diversas formas de utilização de uma mesma prática.

Identificamos, assim, dois tipos de *triplismo*. Primeiro, o conceito *triplismo*, desenvolvido e estudado pelos autores acima citados, entendido como fenômeno religioso inerente às populações celtas. Segundo, os *triplismos* que observamos nos objetos de cultura material e que só podem ser analisados por meio de estudos de caso, graças às particularidades e diferentes experiências de cada período e região. Em nossa pesquisa em particular, analisamos os *triplismos* através da iconografia e epigrafia das *Matres*, *Matronae* e outras divindades femininas plurais<sup>5</sup>, produzidos durante o período de dominação romana das províncias ocidentais – Hispânia, Gália, Germânicas e Britânia. Percebemos assim, que em cada região esses objetos estão permeados por processos de contato e dominação, bem como das transformações espaciais, políticas e culturais deles decorridas e que não podem ser olvidadas.

### **Para entender nossa proposta**

Longe de invalidarmos o termo *triplismo*, nosso objetivo é, ciente das discussões realizadas sobre o tema até então, compreendê-lo dentro de um contexto geográfico, sociocultural e político específicos, o de dominação romana das diferentes províncias da

Europa Ocidental. Para tanto, neste breve artigo nos ocupamos em analisar os títulos e epítetos recebidos pelas divindades femininas plurais encontrados em epígrafes votivas nas províncias da Hispânia, Gália e Britânia. Esse material foi produzido entre os séculos II a.C. e III d.C.

Acreditamos ser imprescindível, para a melhor compreensão da prática dos *triplismos*, o estudo dos objetos de cultura material nos contextos nos quais foram produzidos, disseminados e consumidos. Isso porque, as províncias, antes da conquista, não eram habitadas por sociedades homogêneas. Da mesma forma, a conquista e a ocupação empreendidas por Roma se deram de maneiras distintas em cada região, tanto no que concerne às ações coloniais, quanto às ações locais, resultando em sociedades hibridizadas (JIMÉNEZ, 2011:113). Logo, os objetos que estudamos, em especial para este artigo, o material epigráfico, produzidos durante o período romano são emaranhados, ou seja, são únicos com características singulares, pois são eles o resultado do poder criativo desencadeado pelos encontros interculturais (STOCKHAMMER, 2013:14-15). Observamos, assim, que cada província estudada desenvolveu características próprias no que concerne às produções epigráficas de divindades femininas plurais, assim como, ao próprio *triplismo*.

Para citar algumas características de cada região, na Hispânia, por exemplo, atentamos para o escasso número de imagens em comparação com as inscrições, sendo a epigrafia a forma mais comum de venerar essas divindades na Península Ibérica. As inscrições concentram-se nas regiões norte e noroeste, sendo apenas três casos encontrados ao sul.

Na Gália, além de diferentes epítetos observamos também a existência de diferentes títulos, tais como, *Matronae*, *Matres*, *Proxumae*, *Nymphae*, *Iunonae*, *Suleviae* entre outros. Apesar de os exemplares estarem distribuídos entre as diferentes regiões, a maioria se concentra na Gália Narbonense, de ocupação romana mais antiga.

Já as epígrafes da Britânia, em sua maioria são dedicadas às *Matres* por membros do exército romano estacionados em regiões ao longo da Muralha de Adriano; e também na região de Cirencester, Gloucestershire. Assim como em Gália e Hispânia, a maioria das inscrições contém o título *Matres* apenas, desprovido de epítetos, enquanto poucos, mas recorrentes epítetos são utilizados, como é o caso de *Ollototae*.

### Divindades Femininas Plurais: títulos e epítetos

Na Hispânia foram encontradas 25 inscrições de devoção às divindades femininas plurais, todas sob o título de *Matres*, dentre as quais 15 inscrições<sup>6</sup> apresentam epítetos, sendo identificados ao todo 14 epítetos. Diferentemente de outras regiões como Gália e Germânia, onde alguns epítetos são recorrentes, tais como, *Augustae* e *Aufaniae* respectivamente, na Hispânia os epítetos são únicos, ou seja, aparecem apenas em uma inscrição cada, exceto por *Endeiterae*, que aparece em duas inscrições. Também é importante ressaltar que a maioria dos epítetos possui um valor tópico, ou ainda, foi derivado de raízes linguísticas indo-europeias se considerarmos a etimologia.

Alguns dos dedicantes eram membros da elite local, que receberam a cidadania e o *tria nomina*, mas também estavam entre eles, mulheres – bem-nascidas, escravas e libertas – peregrinos, libertos e escravos, além de dois membros do corpo sacerdotal do Culto Imperial.

No que concerne ao local de achado, a grande maioria das epígrafes foi encontrada em locais próximos a rios e nascentes, o que segundo Blasco (2015), aponta para uma ligação entre essas divindades e os meios hídricos ou úmidos. Também cinco epígrafes contendo epítetos – *Matres Brigeacis*, *Matres Callaicis*, *Matres Endeiteris*, *Matres Dureræ* e *Matres Tris* – e outras duas contendo o título *Matres* apenas, foram encontradas em contexto forense, nas proximidades ou no interior de estruturas urbanas interpretadas como fórum. Essa prática demonstra que seus dedicantes possuíam um alto *status* social e/ou que se apropriaram de novas práticas inseridas a partir da ocupação romana, o que não impediu, contudo, que epítetos essencialmente locais permanecessem associados às *Matres*, apresentando-nos assim, um cenário de cultos emaranhados.

Identificamos 12 inscrições que apresentam epítetos autóctones<sup>7</sup>, ou seja, que se relacionam aos topônimos, teônimos e etnônimos locais, dentre eles, cinco foram encontrados na região do *Conventus Cluniensis*, na Hispânia Tarraconense, sendo três da Colônia *Clunia Sulpícia*. Essa região, juntamente com a Meseta Norte, é considerada o centro do culto às divindades femininas plurais na Península Ibérica, tendo em vista que a maioria dos vestígios arqueológicos são provenientes dessas regiões.

Algumas divindades que apresentam epíteto autóctone parecem estar relacionadas a outras divindades locais, apresentando, assim, uma mesma raiz. É o caso das *Matres Callaicae* ou *Gallaicae* e do deus local *Bandue Calaico*. Segundo Blasco (2015), possivelmente, tanto o grupo de divindades, quanto o deus local têm seus teônimos ligados à tribo dos *callaici/callaeci*, originária das regiões de Braga e Lugo, sendo dela protetores.

*T(itus) Fraternus / Matribus / Gallaicis /v(otum)s(olvit) l(ibens) m(erito)*  
(CIL II 2776)

Em contraponto às *Matres* cultuadas nas regiões norte e noroeste, existem três exemplares na Bética, ao sul, cujos epítetos parecem ter uma origem extrapeninsular e por essa razão são considerados alóctones<sup>8</sup> por alguns pesquisadores, contudo, analisando detalhadamente as inscrições, assim como seus dedicantes, percebemos que, ainda que os epítetos sejam estrangeiros ao contexto peninsular, as produções epigráficas são marcadamente locais, pois foram ali produzidas, além de cultuadas por indivíduos, possivelmente, provenientes da própria Hispânia.

Um desses epítetos, *Aufaniae*, foi amplamente encontrado na Germânia Inferior, principalmente nas regiões de Colônia e Bonn, como um dos epítetos mais utilizados para classificar o título *Matronae*. Já na inscrição encontrada em Carmona, aqui apresentada, verificamos a substituição do título *Matronae* por *Matres*, o que confere ao epíteto, ainda que de origem extrapeninsular, características locais. Acreditamos, assim, que o dedicante, *Marcus Iulius Gratus*, se apropriou do epíteto e dele se utilizou da forma que sabia, tornando as *Matres Aufaniae* divindades locais, diversas daquelas da Germânia.

*Matribus Au/[f]aniabus M(arcus) /Iul(ius) Gratus*  
*Marcus Iulius Gratus [fez] para as Matres Aufaniae*  
(CIL II suppl. 5413)

No que concerne à Gália, 15 epítetos foram encontrados distribuídos entre a região dos Alpes, Narbonense, Lugdunense e Aquitânia. E assim como na Hispânia, muitos epítetos foram utilizados em uma região apenas, os quais geralmente são tópicos, o que confere função tutelar às divindades.

Uma característica particular das Gálias é a variedade de títulos desprovidos de epítetos, são eles: *Matronae* – encontrado principalmente na região dos Alpes, de

intenso trânsito de legionários e mercadores vindos de Roma – *Matres, Nymphae, Iunonae, Proxumae e Suleviae*, o que demonstra a singularidade de cada grupo de divindade e de que se tratam de grupos distintos. Uma hipótese interessante acerca dos grupos de divindades plurais aqui estudados, seria a da existência de uma monolatria<sup>9</sup>, ou seja, ainda que os dedicantes admitissem a existências de diversas divindades plurais com características e atributos semelhantes, mantinham eles um culto individual a um determinado grupo de divindades.

Ao realizarmos um mapeamento das inscrições na Gália, observamos a existência de quatro grandes grupos de divindades que recebem epítetos, a saber: divindades cujos epítetos possuem sentido tópico; divindades cujos epítetos foram importados; divindades cujos epítetos são romanos/romanizados; e divindades plurais hídrica<sup>10</sup>.

Assim como na Hispânia, as divindades que recebem epítetos tópicos, geralmente estão associadas a uma população local ou região específica. E, igualmente como na Hispânia, algumas delas são cultuadas conjuntamente a divindades masculinas locais, como acompanhantes desses deuses, o que acreditamos tratar-se de uma união ou “casamento”<sup>11</sup> entre divindades femininas férteis – o que nos remete a Mãe Terra, personificação da própria terra cultivável – e um deus fecundador.

Na Gália identificamos 9 epítetos tópicos<sup>12</sup>, distribuídos entre Narbonense, Lugdunense e Alpina, sendo a maioria proveniente da Narbonense. Também percebemos que 7 desses epítetos são utilizados uma vez apenas, o que demonstra, como já ressaltamos, o caráter bastante localizado e tutelar do culto.

Também é interessante destacar que a maioria dos dedicantes consiste em escravos e libertos – inclusive enriquecidos e muitos portam o *tria nomina* – tanto homens quanto mulheres; o que pode significar que eram divindades cultuadas basicamente por locais, tendo em vista que esses epítetos não foram encontrados em outras províncias além da Gália.

A localização do epíteto *Griselicae*, em Gréoux-le-Bains, por exemplo, onde existe um manancial de águas sulfurosas (JORIO, 2014:77), assim como o título *Nymphae*, relacionam essas divindades aos cultos hídricos<sup>13</sup>. Segundo Jorio (2014:77), escavações realizadas na região entre 1974 e 1988 encontraram ali um templo, em estilo galo-romano em estrutura bastante luxuosa, dedicado às *Nymphae Griselicae* e ao deus local *Griselus*. A riqueza do templo, que continha um aqueduto e escadaria de acesso a

uma piscina feita de mármore (JORIO, 2014:77), demonstram que sua dedicante, Annia, filha de Faustina, apesar de liberta, possuía posses. Lançamos aqui a hipótese de que o templo e a epígrafe votiva podem ter sido produzidos em agradecimento ao seu sucesso financeiro.

[Annia] / fil(ia) Faustina / T(iti) Vitrasii Poll[i]/onis co(n)s(ulis) II praet(or)is /  
[q]uaest(or)is Imp(eratoris) pontif(icis) / [proc]o(n)s(ulis) Asiae / uxor / Nymphis /  
Griselicis  
(CIL XII 361)

Como vimos, na Hispânia os epítetos importados foram ressignificados a fim de se adequarem aos cultos locais, com a substituição do título *Matronae* por *Matres*, por exemplo. Na Gália foram identificados cinco epítetos importados ou parcialmente importados, um encontrado na Gália Narbonense – *Almahabae* (CIL XII 330) –, um na Gália Alpina – *Salvennae* (AE 1904 140) – e os outros três, em uma tripla devoção, na Gália Lugdunense – *Aufaniae, Pannoniae, Dalmatae* (CIL XIII 1766).

Neste caso particular, os três grupos de divindades cultuados – *Aufaniae, Pannoniae* e *Dalmatae* – são provenientes das Germânicas, sendo as *Matronae Aufaniae* um dos grupos de divindades plurais, como já ressaltamos, com mais evidências de culto na Germânia Inferior, e as *Matronae Pannoniae* e *Dalmatae* originárias, provavelmente, da Panônia e da Dalmácia, respectivamente.

De forma distinta do culto às *Aufaniae* na Bética, que foi associado ao título *Matres*, em Lion o título usual *Matronae* foi mantido para esses três grupos de divindades plurais. A explicação, provavelmente, reside em seu dedicante, *T. Claudius Pompeianus, Tribunus Militum* da I Legião Minerva, que em expedição às Germânicas, possivelmente, trouxe consigo a devoção a essas divindades, o que demonstra a origem estrangeira das mesmas.

Pro salute dom(ini) / n(o)stri Imp(eratoris) L(uci) Sept(im)i Severi / Aug(usti)  
totiusq(ue) domus / eius Aufanis Ma(tron)is et Matribus / Pannoniorum et / Delmatarum  
/ Ti(berius) Cl(audius) Pompeianus / trib(unus) mil(itum) leg(ionis) I Min(erviae) / loco  
exculto cum / discubitione et tabula / v(otum) s(olvit)  
(CIL XIII 1766)

Ainda com relação aos epítetos encontrados na Gália, identificamos dois, amplamente utilizados, cuja origem é romana – *Augustae* e *Victrices* (JORIO, 2013 – 2014:112).



O epíteto *Augustae* foi encontrado em 14 inscrições da Gália Narbonense<sup>14</sup>, acompanhando tanto o título *Matres* quanto *Ninfas*; em 5 inscrições da Gália Lugdunense<sup>15</sup> acompanhando o título *Matres*; e em uma inscrição da Aquitânia, acompanhando o título *Iunones*<sup>16</sup>.

A muitas dessas inscrições também se associa o *Numen* do Imperador, que segundo Jorio (2014:83), transforma a dedicação em uma forma particular de Culto Imperial. O que também verificamos em uma inscrição da Hispânia dedicada às *Matres Augustis*<sup>17</sup>, que mesmo sem fazer referência ao Imperador diretamente, foi dedicada por membros do corpo sacerdotal do Culto Imperial.

Acreditamos que esta foi uma forma de os habitantes locais compreenderem o sentido do culto ao imperador e sua necessidade, atribuindo-lhe sua própria devoção às divindades maternais. Ainda podemos argumentar em favor de um casamento sagrado, o qual mencionamos anteriormente, onde uma divindade feminina com função de fertilidade se liga a um deus local fecundador. No caso das *Matres Augustae*, por exemplo, o deus local teria sido substituído pelo *Numen* do imperador, conquistador e fecundador da nova terra colonizada.

Na Gália observamos a ampla utilização de outros títulos, além de *Matres* e *Matronae*, são eles: *Nymphae*, *Proxumae*, *Inonae*, *Suleviae*, os quais estão relacionados, principalmente aos cultos hídricos e terapêuticos. Devido a seus atributos e funções semelhantes concernentes à fertilidade e ao ciclo vital, são elas tratadas, muitas vezes como equivalentes às *Matres* e *Matronae*. Em uma inscrição, encontrada em La Garde-Adhémar, na Gália Narbonense, por exemplo as *Ninfas*, entram em confluência com as divindades *Matres*.

*Matris / Nymphis [---] [ern]us Poly[car]pus v[otum] [s[olvit] l[ibens]] m[erito]*  
(JORIO, 2013 – 2014:112)

Entretanto, tendo em vista que os rituais possuem uma característica adaptativa (BELL, 1992; 1997), e que rituais, práticas religiosas e objetos emaranhados são produzidos a partir dos relacionamentos interculturais (STOCKHAMMER, 2012; 2013), argumentamos, que divindades locais, em confluência com as *Ninfas* da mitologia clássica, entre outras deusas e entidades, deram origem a divindades distintas das já preexistentes, tendo por isso que serem tratadas por seus dedicantes como novos grupos de deusas, sob novas nomenclaturas. Tal confluência também ocorreu na

Britânia, onde *Matres* locais receberam o epíteto *Parcas* e outros grupos de divindades plurais, além das *Matres* também foram encontrados, como as *Suleviae*, as *Ninfas* e as *Parcas*.

Na Britânia as epígrafes votivas dedicadas às divindades femininas plurais concentraram-se em dois polos, o primeiro na região norte ao longo da Muralha de Adriano – onde a maioria das dedicações foram realizadas por legionários ali estacionados – e o segundo na região sudeste, que teria recebido uma ocupação romana mais efetiva nos primeiros anos de conquista, devido a acordos dos agentes coloniais com chefes locais (WEBSTER, 1993:113).

Diferentemente das províncias anteriores, onde verificamos a existência de uma variedade de epítetos, dentre os quais muitos foram utilizados em apenas uma inscrição, quatro epítetos foram encontrados na Britânia e utilizados em mais de uma inscrição. A partir deles, destacamos cinco categorias de divindades femininas plurais que recebem epítetos, são elas: *Matres* estrangeiras; Divindades hídricas; *Matres Parcae*; *Matres* cultuadas juntamente com uma divindade masculina; e *Matres* da Comunidade/localidade. Em sua maioria, essas divindades recebem o título *Matres* ou *Deae Matres*, contudo, assim como na Gália, *Suleviae*, *Parcas* e *Ninfas* também são utilizados como títulos.

Uma característica particular da Britânia é a recorrência de epígrafes dedicadas a divindades estrangeiras ou de além-mar – *Ollototae* e *Transmarinae*. Ao todo foram encontradas nesta província oito epígrafes que fazem referência às *Matres* de outras regiões. Duas delas são claramente dedicadas às *Matres* de outras províncias, tais como Itália, Gália, Germânia, África, além da própria Britânia<sup>18</sup>. Três recebem o epíteto *Ollototae*<sup>19</sup> e duas o epíteto *Transmarinae*<sup>20</sup>, enquanto uma inscrição – abaixo – apresenta uma dupla devoção às *Matres Ollototis* ou *Transmarinis* e a *Jupiter Optimus Maximus*. Essa última trata-se de uma forma local de Culto Imperial, tal como verificamos em Gália e Hispânia.

*I O M et Matribvs Ollototis sive Transmarinis Pomponivs Donatvs B F Cos pro  
salvte sva et svorvm V S L M  
RIB 1030*

As inscrições que aludem às divindades estrangeiras são, quase que em sua totalidade, dedicadas por membros do exército e depositadas em regiões próximas à

Muralha de Adriano, como o caso da dupla dedicação acima mencionada, em que a epígrafe foi produzida a pedido de um *beneficiarius consularis* e depositada, ao que tudo indica, no forte de Binchester. Isso ocorre, pois, os legionários e agentes coloniais estacionados na Britânia, eram provenientes de outras províncias, tais como Gália, Hispânia e Germânicas, logo teriam eles a necessidade de se relacionar com divindades de sua terra de origem ou ainda de outras regiões pelas quais passaram em suas campanhas.

A ligação entre as *Matres* e *Jupiter Optimus Maximus*, também aponta para o casamento sagrado, já mencionado anteriormente e que, igualmente, foi observado em Gália e Hispânia. Na Britânia, além desse, foram encontrados mais quatro casos similares, o primeiro no qual as *Matres* são cultuadas juntamente com o deus *Mercúrio*<sup>21</sup> (*RIB 3057*) outros dois, em que são cultuadas juntamente com o *Genius Loci* (*RIB 130*) – *Matres* e *Genius Loci* e *Matres Ollototis* e *Genius Loci* (*RIB 1032*) e um último caso em que o *Genius Loci* aparece em uma dupla dedicação com as *Ninfas* (*RIB 3316*).

A ligação ou casamento de divindades femininas com o *Genius Loci* ou um deus local é recorrente, contudo, na Britânia, mais precisamente na região de Cirencester, Gloucestershire, verificamos um evento localizado. Três relevos apresentam os *Genii* multiplicados, denominados *Genii Cucullati* graças ao seu vestuário de capas e capuzes, – que ocorrem em trios – enquanto a deusa se apresenta única.

Em oposição às *Matres Ollototis*, duas inscrições foram dedicadas às *Matres Communis* (*RIB 1541*; *RIB 1453*), também nas proximidades da Muralha de Adriano, uma delas em uma terma romana em Chester e outra em Carrawburgh. Graças ao desgaste e fragmentação das peças, não foi possível reconhecer seus dedicantes, que não precisariam ser necessariamente legionários, pois, ainda que essas epígrafes tenham sido encontradas em contexto militar, devemos atentar para a formação de comunidades nas regiões de assentamentos do exército.

Essas comunidades, que se formaram não apenas na Britânia, mas em outras regiões de assentamento de tropas, como a Germânia, por exemplo (WORAM, 2016:2), eram dotadas de atividade comercial intensa, compostas pelas famílias dos legionários, além de pessoas que buscavam lucrar com a permanência dos soldados na região. Ao que tudo indica, os dedicantes dessas epígrafes buscavam venerar ou aplacar as deusas locais em seu favor e de sua comunidade.

As *Suleviae* e *Nymphae*, divindades encontradas em diversas regiões da Gália, também o são na Britânia. Nesta última, as *Suleviae* foram cultuadas basicamente por habitantes locais. Das quatro epígrafes a elas dedicadas, das quais uma não é possível identificar o dedicante, duas foram oferecidas por Sulinus, um escultor local – uma em Ashcroft, Cirencester (*RIB 105*) e outra em Bath (*RIB 151*) – e uma por Similis, da tribo dos *cantiacorum* – em Colchester (*RIB 192*) – na qual ele utiliza *Suleviae* como epíteto do título *Matres*. O que demonstra que o culto às *Suleviae* na Britânia era local e da mesma forma que em Gália, essas divindades parecem ter ligação com os cultos hídricos.

*Matribus Sulevis Similis Atti filius civis Cantiacus votum libens solvit*  
*RIB 192*

No que concerne às *Nymphae*, 13 inscrições<sup>22</sup> foram encontradas, das quais duas associam as *Ninfas* à Coventina (*RIB 1527*; *RIB 1526*) – deusa local amplamente cultuada em Carrawburgh por legionários de origem batava –, uma à deusa local Brigantia<sup>23</sup> (*RIB 2066*) e uma última apresenta uma dupla dedicação para as *Ninfas* e o *Genius Loci* (*RIB 3316*), já mencionada. Assim como na Gália, essas divindades também apresentam forte ligação com os meios hídricos. Um santuário dedicado às *Ninfas* e ao *Genius Loci* – onde foi depositada a epígrafe destaca acima – está localizado em Carrowburgh, próximo ao poço de Coventina, o que pode ter favorecido a associação feita por seus dedicantes entre essa deusa e as *Ninfas*.

Outro epíteto que acompanha o título *Matres* e que até então foi encontrado apenas na Britânia é PARCAE, que faz alusão às entidades da mitologia greco-romana, as *Parcas*. Duas epígrafes foram encontradas na região norte, uma em Skinburness, Cumbria (*RIB 881*) e outra em Carlisle (*RIB 951*); da primeira não é possível conhecer seu dedicante devido ao desgaste da peça, a segunda trata-se de um voto em favor da saúde de uma mulher portadora do *duanomina*, Sanctia Gemina.

*Matribus Parcis pro salute Sanctiae Geminae*  
*RIB 951*

Devido às funções das *Parcas* na mitologia, que consistem em tecer o fio da vida e cortá-lo no momento da morte dos seres humanos, as *Matres Parcis*, provavelmente, adquiriram tais atribuições, que entraram em confluência, graças aos seus dedicantes,

com as funções maternas, de fertilidade e de vida. Outras duas inscrições, encontradas também na região norte, foram dedicadas às *Parcas* apenas (*RIB 247*; *RIB 953*), o que demonstra o emaranhamento do culto. Argumentamos que, graças aos seus dedicantes – tesoureiro da guilda e habitante local com menção de filiação, respectivamente – e à datação das peças – possivelmente século III – essas dedicações, apesar da presença do título *Parcas*, teriam sido realizadas em favor de um grupo de divindades locais, ali cultuadas a fim de atender às necessidades de seus dedicantes e, portanto, seriam elas distintas das *Parcas* do Panteão Greco-romano.

*Parcis Deabus et Numinibus Aug(ustorum) G(aius) Antistius Frontinus curator  
ter(tium) ar(am) d(e) s(uo) d(edicavit)  
(RIB 247)*

*Parcis pro Bodo (filio) Natalis pater v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)  
(RIB 953)*

### Conclusões parciais

A partir dos diferentes epítetos encontrados em Hispânia, Gália e Britânia, aqui procurei apresentar de forma breve um panorama da diversidade do fenômeno classificado como *triplismo*. Os vestígios arqueológicos e epigráficos nos permitem pôr em evidência não só a variabilidade local, mas também suas transformações ao longo do tempo. Durante o período de dominação romana das províncias aqui destacadas, por exemplo, atentamos para o desenvolvimento de sociedades hibridizadas a partir dos contatos interculturais que se seguiram, além da reordenação espacial realizada tanto por agentes coloniais, quanto por locais, na tentativa de adequação de ambos os grupos à nova realidade.

Desta forma, como resultado dos encontros interculturais, defendemos a produção e o consumo de *triplismos* aplicados a práticas religiosas e objetos emaranhados – para este artigo as epígrafes, mas também temos evidências na iconografia e utensílios rituais – que de acordo com Stockhammer são inovações únicas, surgidas de contextos culturais, sociais, religiosos e políticos específicos.

Em meio a essas práticas e objetos emaranhados, verificamos o surgimento de novas divindades, igualmente emaranhadas, que foram criadas por seus dedicantes a fim

de atender necessidades específicas. Em Gália e Hispânia, por exemplo, observamos epítetos isolados, utilizados em apenas uma epígrafe e por um único dedicante, demonstrando a localidade do culto e a especialização da divindade apresentada. Enquanto na Britânia as dedicações às divindades estrangeiras, por exemplo, apontam para a necessidade dos dedicantes – em sua maioria legionários – de se relacionar aos grupos de divindades de sua terra natal ou de outras regiões pelas quais passaram em suas campanhas.

A partir dessas observações argumentamos que, os epítetos ao invés de classificar e atribuir diferentes funções a um mesmo grupo de divindades, demonstram a existência de vários grupos delas. Ou seja, apesar de essas divindades agregarem atributos semelhantes – fertilidade, maternidade, proteção, entre outros – não se tratam das mesmas, pois, como atestam os vestígios epigráficos, seus dedicantes evocam-nas não apenas sob diferentes epítetos, mas também sob diferentes títulos, tais como *Matres*, *Matronae*, *Nymphae*, *Parcae*, *Suleviae*, *Proxumae*, *Iunonae*, etc., que poderiam ser na verdade evidências de monolatria.

Em alguns casos, principalmente em Gália e Britânia, observamos a utilização do título *Matres/Matrae*, acompanhado dos epítetos *Nymphae*, *Parcae* e *Suleviae*, ou ainda, o título *Nymphae* associado a divindades femininas como Coventina e Brigantia. Tais casos, demonstram o emaranhamento dos cultos que foram desenvolvidos de acordo com as especificidades e experiências locais.

### Bibliografia

- ALDHOUSE-GREEN, M. J. *Celtic Goddesses: Warriors, Virgins and Mothers*. London: British Museum Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *An archaeology of images: iconology and cosmology in Iron Age and Roman Europe*. London: Routledge, 2004.
- ALLASON-JONES, L. *Coventina's Well*. In: BILLINGTON, S.; GREEN, M. (eds). *The Concept of Goddess*. London & New York: Routledge, 2002.
- BELL, C. *Ritual Theory, Ritual Practice*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Ritual: Perspectives and Dimensions*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- BINA, T. O Casamento divino. *Brathair* 5 (1), 2005: 84-94.
- BLASCO, D. A. A. *Matres y divinidades afines de carácter plural em la Hispânia Antigua*. Valencia: Universitat de Valencia, 2015.

- CARDOSO, C. F. O Politeísmo do Antigos Egípcios sob o Reino Novo (1530-1069 A. C.). In: LIMA, A. C. C. e TACLA, A. B. (eds.) *Cadernos do CEIA. Experiências Politeístas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2008, pp. 63-66.
- CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum* - [http://cil.bbaw.de/cil\\_en/index\\_en.html](http://cil.bbaw.de/cil_en/index_en.html).  
Último acesso em 15/04/2018.
- CUNLIFFE, B. *The Ancient Celts*. New York: Penguin Books, 1997.
- DUMÉZIL, G. *Le Festin d'immortalité – Étude de mythologie comparée indo-européenne*. Geuthner, 1924
- \_\_\_\_\_. *Légendes sur les Nartes, suivies de cinq notes mythologiques*, Paris: Honoré Champion, 1930.
- \_\_\_\_\_. *L'Idéologie tripartite des Indo-Européens*. In: *Revue de l'histoire des religions*, 155 (2), 1959. pp. 239-240.
- GARCÍA, J. F. *Triplismo en la Hispânia céltica*. In: *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 77-78, 2011-2012, pp. 171-202.
- GREEN, Miranda. *Symbol and Image in Celtic Religious Art*. Londres: Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. London: Thames & Hudson, 1997.
- \_\_\_\_\_. *The Gods of Roman Britain*. Buckinghamshire: A Shire Archaeology Book, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Arte Celta*. Madri: Akal, 2007.
- HISPÂNIA EPIGRÁFICA - <http://eda-bea.es>. Último acesso em 15/04/2018.
- JIMÉNEZ, A. *Pure hybridism: Late Iron Age sculpture in southern Iberia*. In: *World Archaeology*. Taylor & Francis, 2011, 43(1), pp. 102-123.
- JORIO, F. *Aspetti del culto delle Matres nelle province galliche e rapporto con il culto della Magna Mater*. Roma: Facoltà di Lettere e Filosofia Scuola di dottorato, Università di Roma, 2013-2014.
- KARL, R. *The Celts from everywhere and nowhere a re-evaluation of the origins of the Celts and the emergence of Celtic cultures*. In: CUNLIFFE, B.; KOCH, J. T. (eds.). *Celtic from the west. Alternative perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature*. Oxford: Oxbow Books, 2010, pp. 39-64.
- MACCANA, P. *Celtic Mythology*. New York: Hamlyn, 1970.
- MACKILLOP, J. *Dictionary of Celtic Mythology*. Oxford: University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Myths and Legends of the Celts*. Penguin, 2005.
- REES, A; REES, B. *Celtic heritage: ancient tradition in Ireland and Wales*. London: Thames and Hudson, 1961.
- RIB – *Roman Inscriptions of Britain* - <https://romaninscriptionsofbritain.org/>. Último acesso em 15/04/2018.
- STOCKHAMMER, Ph. *Questioning Hybridity*. In: Stockhammer. In: STOCKHAMMER, Ph. (ed.). *Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach*. Heidelberg: Springer, 2012a, pp. 1 – 4.

- \_\_\_\_\_. *Conceptualizing Cultural Hybridization in Archaeology*. In: STOCKHAMMER, Ph. (ed.). *Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach*. Heidelberg: Springer, 2012b, pp. 43-58.
- \_\_\_\_\_. *From Hybridity to Entanglement, From Essentialism to Practice*. In: Pelt. W. P. (ed.) *Archaeology and Cultural Mixture* 28 (1). Archaeological Review from Cambridge: 2013, pp. 12-28.
- VENDRYES, J. *L'Unité en trois personnes chez les Celtes*. In: *Choix d'Études Linguistiques et Celtiques*. Paris, 1952, pp. 233-246.
- WEBSTER, J. *Interpretatio, Roman world power and the Celtic gods*. In: *Britannia* 26, Society for the promotion of Roman studies, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Necessary Comparisons: A Post-Colonial approach to religious syncretism in the Roman provinces*. In: *World Archaeology – Culture Contact and Colonialism* 28 (3), 1997, pp. 339-50.
- \_\_\_\_\_. *A negotiated syncretism: readings on the development of Romano-Celtic religion*. Portsmouth: Oxbow Books, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Art as Resistance and Negotiation*. In: S. SCOTT; J. W. (eds). *Roman Imperialism and Provincial Art*. Cambridge: Cambridge University, 2003.
- WOOLF, G. *Local Cult in Imperial Context: the Matronae revisited*. In: NOELKE, P. (ed.). *Romanisation und Resistenz*, 2003.
- WORAM, K. *The Community of the Matronae Cult in the Roman Rhineland: Provincial Identity in the Western Frontiers*. New Orleans: School of Liberal Arts of Tulane University, 2016.

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em História pela UFRJ, Mestrado em História Social pelo PPGH-UFF, professora do ensino básico da rede estadual do RJ, doutoranda em História Social pelo PPGH-UFF, Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Lambrechts (1942); Vendryes (1960); Rees e Rees (1961); MacCana (1970); Green (1992, 2004, 2007); MacKillop (1998, 2005); García (2011-2012).

<sup>3</sup> Não nos aprofundaremos aqui na teoria invasionista; como referência de leitura vide Karl (2010).

<sup>4</sup> Dumézil (1924; 1930; 1958), em suas pesquisas, utilizou-se das três castas mais altas da sociedade védica – Brahmanas (sacerdotes), Ksatriyas (guerreiros), Vaisyas (artesãos/mercadores) – para embasar suas ideias sobre a existência de uma estrutura trifuncional das sociedades indo-europeias.

<sup>5</sup> Definimos como divindades femininas plurais grupos de duas deusas ou mais, cuja iconografia foi produzida, utilizada e disseminada durante o período de ocupação romana das províncias ocidentais. Geralmente essas divindades carregam atributos ligados à fertilidade, à maternidade, ou ainda, fazem referência ao pós-morte e ao Outro Mundo.

<sup>6</sup> *Matres Brigeacis* (CIL II 6338 l), *Matres Callaicis* (CIL II 2776), *Matres Endeiteris* (AE 1988 768), *Matres Ibanduicolis* (AE 1973 20), *Matres Monitucinis* (Hispania Epigráfica), *Matres Apillariss* (Hispania Epigráfica), *Matre Useis* (AE 2003 967), *Matres Tris* (BLASCO, 2015:218), *Matres Dureris* (Hispania Epigráfica), *Matres V* (AE 1999 924), *Matres Ciuitates* (BLASCO, 2015:192), *Matres Aufanis* (CIL II suppl. 5413), *Matres Augustis* (Hispania Epigráfica), *Matres Veteris* (CIL II 2128).

<sup>7</sup> *Matres Brigeacis* (CIL II 6338 l), *Matres Callaicis* (CIL II 2776), *Matres Endeiteris* (AE 1988 768), *Matres Ibanduicolis* (AE 1973 20), *Matres Monitucinis* (Hispania Epigráfica), *Matres Apillariss* (Hispania Epigráfica), *Matre Useis* (AE 2003 967), *Matres Tris* (BLASCO, 2015:218), *Matres Dureris* (Hispania Epigráfica), *Matres V* (AE 1999 924), *Matres Ciuitates* (BLASCO, 2015:192).



<sup>8</sup> *Matres Aufanis (CIL II suppl. 5413), Matres Augustis (Hispania Epigráfica), Matres Veteris (CIL II 2128).*

<sup>9</sup> Vide CARDOSO, C. F. *O Politeísmo do Antigos Egípcios sob o Reino Novo (1530-1069 A. C.)*. In: LIMA, A. C. C. e TACLA, A. B. (eds.) *Cadernos do CEIA. Experiências Politeístas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2008, pp. 63-66.

<sup>10</sup> Entendemos como divindades plurais hídricas os grupos de divindades femininas plurais que possuem atributos, títulos ou epítetos que as relacionem aos meios hídricos ou úmidos, ou ainda ao culto das águas, tais como as Ninfas, as Suleviae e Coventina, por exemplo.

<sup>11</sup> Vide Bina (2005).

<sup>12</sup> BAGINIAE (*AE 1889 183; AE 2000 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890*) - segundo Jorio (2013 - 2014:77), estaria relacionado à etnia local dos *Baginensis* e ao deus local *Baginus* - CLUTOIDAE (*CIL XIII 2802, 2805*), VEDIANTIAE (*CIL V 7873; CIL V 7872; JORIO, 2013 - 2014:109*), GRISELICAE (*CIL XII 361*), GLANICAE (JORIO, 2013 - 2014:77), NEMAUSICAE (JORIO, 2013 - 2014:77), NEMENTIALAE (*CIL XII 2221*), ULBENAE (*CIL XII 333*), ROMANISCAE (JORIO, 2013 - 2014: 75, 80).

<sup>13</sup> Denominamos cultos hídricos cultos realizados em nascentes, poços, fontes, rios, etc. Da mesma forma utilizamos o termo divindades hídricas ou que possuem caráter hídrico, para nos referirmos àquelas que, de alguma forma, se relacionam a tais cultos.

<sup>14</sup> *CIL XIII 1723, CIL XIII 5371, CIL XII 3109, CIL XII 3108, CIL XII 2850, CIL XII 2672, CIL XII 2593, CIL XII 2448, CIL XII 2388, CIL XII 2220, CIL XII 1823, CIL XII 1824, CIL XII 1825, CIL XII 1826.*

<sup>15</sup> *CIL XIII 1759, CIL XIII 1760, CIL XIII 1762, CIL XIII 1765, CIL XIII 1764.*

<sup>16</sup> *CIL XIII 914.*

<sup>17</sup> *Matribus Augustis / [-] Iulius Amabilis et /C(aius) Marius Cursor / Aug(ustales) pri(mi) de s(uo) d(ederunt) (Hispania Epigráfica; BLASCO, 2015:174).*

<sup>18</sup> *RIB 88; RIB 653.*

<sup>19</sup> *RIB 574; RIB 1031; RIB 1032.*

<sup>20</sup> *RIB 1224; RIB 1318*

<sup>21</sup> Na Britânia Mercúrio também ocorre em estatuetas juntamente com a deusa local Rosmerta, o que também demonstra uma aliança ou casamento, neste caso entre uma divindade greco-romana masculina e uma divindade feminina local (WEBSTER, 1997).

<sup>22</sup> *RIB 460; RIB 744; RIB 753; RIB 1228; RIB 1526; RIB 1527; RIB 1547; RIB 1789; RIB 2066; RIB 2160; RIB 2340; RIB 3189; RIB 3316.*

<sup>23</sup> Tanto Coventina, quanto Brigantia são casos que merecem um estudo mais aprofundado, contudo, devido às limitações deste trabalho, ele não será aqui realizado.